

A PACOTILHA

SUI CUIQUE TREBUERE.

ANNO I.
MERCES



4001
52

CORTE

Um anno	148000
Seis mezes	78000
Tres mezes.	38500

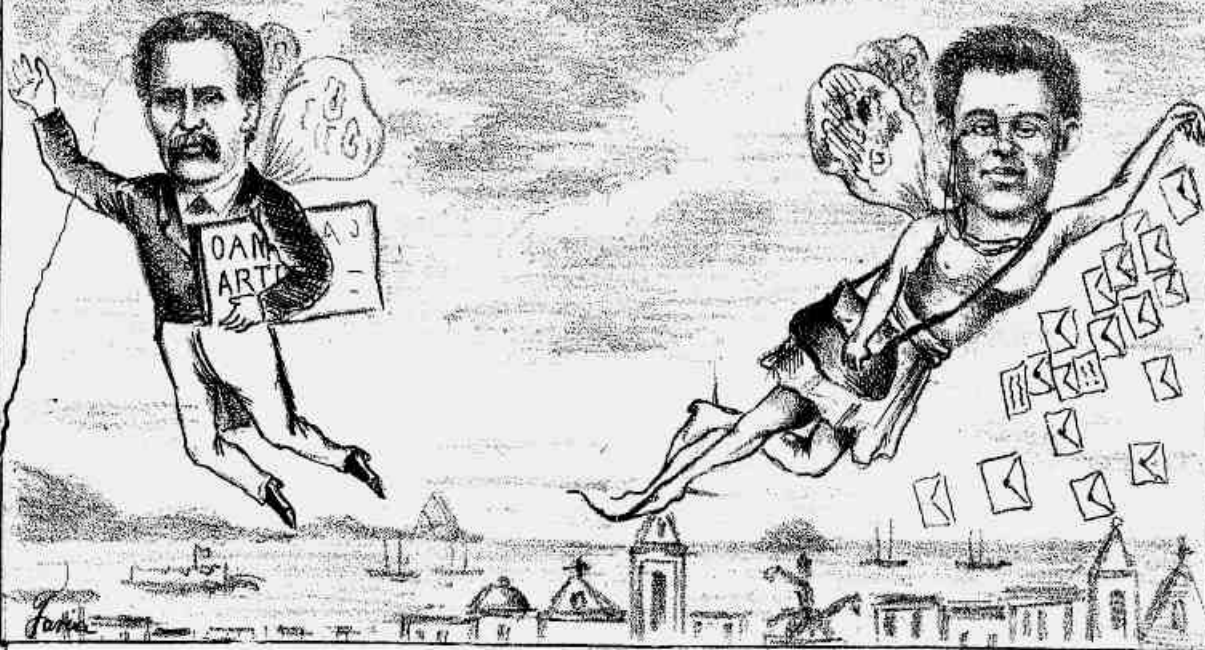
N. 28.

ANNO I.

PROVINCIAS.

Um anno	148000
Seis mezes	78000
Avulso	300 rs.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS.—ASSIGNA-SE Á RUA DO ROSARIO N. 116. SOBRADO.



O Furtado e o Vasques.

Artistas de merito, ei-a, o futuro é vosso! Enquanto um mostra o amor da arte, o outro dá gratis beneficio. A elles, Srs. assignantes da Pacotilha!

A PACOTILHA

NOVIDADES DA SEMANA.

Rio, 20 de Outubro de 1866.

Maldita hora em que nos fizerão chronista de semana! Fallar, dizer e inventar novidades, quando fusilão temores por sobre nós, quando corre por ali que a guarda nacional vai para o Sul, para Pernambuco, é horrível! A gente fica com seu medo; não porque tenha medo, mas porque os escrevinhadores não nascêrão para soldados.

A semana, pois, foi mesquinha em successos. Fallou-se, falla-se ainda e continua-se a fallar-se em politica, em cousas do Norte, em cousas do Sul, e no fim tanto dizem, tanto desencontrão-se que é tudo boato, pêta, mentira.

Estreou no Gymnasio em o *Supplicio de uma mulher* a Sra. D. Rosina.

Artista de talento e de habilidade, a Sra. D. Rosina no papel de Mathilde esteve digna de elogio. O difficil combate do 2º acto, o desespero do 3º, em que mãe e esposa sente-se humilhada, forão habilmente interpretados.

Os Srs. Furtado e Pimentel tiveram uma noite feliz; a Sra. D. Julia, ironica, *coquette*, e ameigando os periodos, onde a maledicencia palpitava, esteve magnifica.

Além do *Supplicio*, houve o beneficio da Sra. D. Julia.

Artista sympathica, risonha, cheia de affagos, merecendo preito e homenagem de quantos gostão e estimão os bons artistas, a Sra. D. Julia no seu papel de Margarida Stramberg, tantas vezes victoriada, mereceu, colheu, attrahiu a attenção, os applausos de toda uma platêa intelligente.

E bem feito que o fez o publico! Bem feito sim, porque Julia Heller é um alfenim de talento e encanto!

Dá beneficio em a proxima semana o Vasques: dá um beneficio de graça; graça, mas é graça — chalaça, facecia, graciosidade, e não graça — *gratis, gratis*. O Vasques promette fazer rir a todos desde o lampeão até as travessas, que, seja dito de passagem, hão de abundar neste dia, ou para fallar-se melhor nesta noite.

Continuão as representações dos *Quadros vivos*, e com variedade de espectáculo.

Novos quadros têm sido trazidos à scena, e nelles a companhia romana tem-se mostrado credora de apreço.

Do beneficio do Sr. Luchessi daremos no outro numero uma noticia larga.

O Lyrico deu-nos os *Sete Infantes de Lara*. Agradou a representação; despertou mesmo recordações, saudades daquelles tempos, em que João Caetano, Florindo e Ludovina trazião suspensa dos labios uma platêa immensa e entusiasta.

Não diremos nem mais uma palavra. As modas, os collarinhos que as senhoras trazem como orelhas de elephante, os freios ao pescoço (note-se bem: *freios* ao pescoço), os arreios que pendem dos chapêos, as ferraduras de aço que adornão os collos, tudo isto prova que nos approximamos, isto é, que as mulheres vão approximando-se dos animaes. E' moda: melhor para ellas!

Cousas celebres e celeberrimas.

E' uma historia de hontem.

Sendo o amor o sentimento por excellencia, tanto alenta, purifica e acrysola um espirito que concede-lhe mais ar e luz, mais luz e vida, mais vida e encanto para fugir e voar, para melhor levar-se nas azas da poesia. E como o favonio da madrugada a gemer por entre a laranjeira, e como o murmurio do rio por entre o bosque, uma poesia que vem do cêo accende no coração uma sensação tão harmonica como não ha na terra, como não sonha o mundo. Enlevado o coração, inflammado o cerebro, a febre agita o espirito, o encanto prende-o, e preso e enlevado transporta-se, sonha, idealisa.

Foi assim que *Diamante* amava a bella *Opala*.

Diamante era um poeta: talento forte, coração sensível, imaginação uberrima. Elle sonhava, e cada sonho era um prodigio; e elle escrevia, e cada escripto era opulento de pensamentos ricos, nobres, arrojados.

Opala era uma bella menina. As faces lembrão o jambo, os labios nadão em puro coral, os seios trementes em anseios, palpitantes em volupia, arrastavão, prendião. *Diamante* via *Opala*, olhou-a mas foi com os olhos do coração, admirou-a mas foi com o espanto do espirito, e enlevando-se accendeu n'alma uma flamma tão quente, tão iriante de luz qual não teve Romeo quando sonhou gentil Julieta. E do arroubo d'alma, do extasis do pensamento, quantas vezes não disse elle as palavras de Thomaz Moore:

« Si tu quizeres ser minha, os thesouros do ar, da terra e dos mares s'estenderão a teus pés. Tudo o que a imaginação nos mostra de mais radiante, tudo o que os doces sonhos promettem de mais delicioso, será de nossa partilha, si tu quizeres ser minha, ó meu amor.»

Pé de boi era um velho. Nicoláo Tolentino o descreveu nesses versos :

Velho que attento namora,
Que arrasta calmas intensas
Por servir a quem adora
Que lhe cobra logo tenças
Que é comprador de senhora ;

Que é calado, que é polido,
Que tem um coração liso

.

Pé de boi viu *Opala*, e com era feio e velho fallou-lhe em seu dinheiro, riquezas, fortunas, etc., etc. Um dia, tendo por acaso lido a *Ulyssea*, de Gabriel Pereira de Castro, encontrou essa oitava, que escreveu em papel almiscarado, assignou seu nome e mandou a *Opala* :

Quando no céu d'alliva fronte abria
Hum e outro sol na luz que derramava
O campo todo, todo o ar ardia,
Que a tudo dava ser, tudo animava,
A cada passo seu, um céu movia ;
A cada raio seu, hum sol mostrava,
A cada olhar abria um paraíso,
E hum coração feria a cada riso.

Opala leu a oitava, e mandou perguntar a *Pé de boi* a significação do enigma.

Pé de boi, satisfeito, toma a penna e escreve a seguinte carta, monumento de orthographia e de grammatica :

« Exma. Senhora.

« Us verços q lh inviei ção offrecidos a senhora. Eu amo munto a senhora. Porço çois vois a Deusa do meu coração. aCeite os verços por Que eu lh pesso. Caze-çe com eu e a senhora corá feliz. eu Tenho munto Dinheiro, poço dar lh carro, carruaje, joia, triatro, cedas, tudu, tudu, quanto a senhora quizé.

« Ceu aFetuoso aMante, Pé de boi. »

**

Entre uma carta tão especial e uma poesia de *Diamante*, em que este chorando dizia entre outras cousas

E não sabes, donzella, que das penas d'alma
Em ancias horridas, em gemidos fundos,
Choro e soluço, e soluçando morro ?

Opala viu-se em serios apuros. De um lado mancebo a quem amava, porém pobre ; do outro lado *Pé de boi*, duro com seu nome, estúpido com a sua carta, porém rico, rico até á tolice, rico até á ignorancia.

E mettão uma mulher em semelhantes assados. Acenem-lhe ao coração e á mocidade, ao sentimento e á am-

bição, ao espirito e ao amor-proprio ; acenem-lhe com a tranquillidade do lar, com o goso do amor sincero e leal e com o luxo, os bailes, os *soirées* e vereis para onde ella pende ; acenem, acenem e verão. Meditem e lucrarão.

..

Opala foi um anjo. As mulheres nem sempre são como as pintou o cantor dos *Ciumes do bardo* : fêras, mentidas e facinorosas.

Opala estendeu a mão a *Diamante* amoroso ; de felicidade forão seus dias, e mil venturas os protejá! Quanto a *Pé de boi*, fúlo de raivo, amarello de colera, vermelho de ira, conservador, liberal e progressista em todas as escalas diatónica e chromática, fez-se usurario, vingou-se nos outros do despreso de *Opala*.

M. M-or.

A visão.

— Quem és tu que perturbas meu placido socego ?

E a voz respondeu :—A virgem dos teus sonhos.

Hia a noite em rapido andamento, e o astro do dia veio prestes dourar as verdes collinas.

Abri os olhos languidos á luz do dia, e fiquei meditativo muito tempo antes que me erguesse.

A brisa matutina, que passava rescendente do halito das flores, trastejou por meus cabellos em desordem ; e eu vi naquelle rescender de aromas o ambiente perfumado que Ella rastejára.

Será que a minha mente, escandecida com os sonhos da noite, embriagada nessa volupia que eu gosei dormindo, ainda tentava um esforço de retrocesso sobre os vestigios da illusão já hida ?

E eu meditei largo espaço antes de conseguir ser dominador dos meus pensamentos.

O dia adiantou-se, eu tomei o aspecto triste e melancolico, e fugi para as escuras mattas que ficão d'alem da Ermidá Santa.

Absorto nos meus pezares e tristonhos pensamentos, caminhei ao longo da margem do rio e internei-me no bosque. A voz silenciosa do bosque é uma divindade tutelar de quem olvidarão-se os Gentios ; e sendo maviosa como o echo longiquo da flauta, é sem escusa o esquecimento da introduccão no paganismo.

A' tarde o sol descambou, escurecêrão as serras com um vivo azular que em longe se veio debuxando.

Os sonhos nocturnos, semelhantes ás aves da solidão, voejárão em torno a meu cerebro escandecido, e sumirão-se.

A LUA.

Dias depois da visão, estava eu ainda pensando no meu rapido desaparecimento do povoado ; parecia-me encanto ou sonho que estivesse tão longe, e que o pensamento actuasse com tanta força na reproducção della.



— Estão, Castro Urso, o que dizes e pensas da época?
 — Digo que digo, que diogo diz que diz que quem bem come a barriga enche

— Escreva lá: saúdo-vos como o tronco de todos esses fructos.
 — Troncos desses fructos é batata.
 — Escreva que isto é coimbrão, é epicédio coimbrão.



Uma deusa de balão.

Alegria nos labios, devassidão no peito e razão e prazer! Eis a autobiographia de uma *pieuvre*

Cousas celebres e celeberrimas.

Uma menina entre um velho e um moço: estrella entre dois polos. (Vide o texto.)



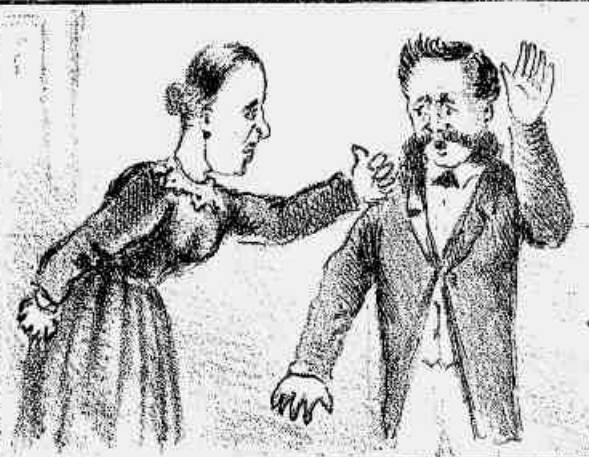
— Casaste sempre, pateta ?
 — Já, não ha que saber.
 — Se o casamento é a morte ?
 Também amor é viver



Como estais assim bonita,
 Chára esposa, meu amor !
 — Dá-lhe sempre disto, moço ?
 Não me mause, faz favor



— Sou, amigo, um desgraçado,
 — E eu um ente feliz
 — Por ella estou deshonrado
 — O senhor assim o quiz



— Se eu vi, moither do inferno,
 O teu amante sahir !
 — Se não quer que assim me porte
 Dê-me tudo que eu pedir



— Harpia, megera, furia,
 Foge do meu furor,
 Heide matar-te, eu te juro,
 Já não és mais meu amor.



A um casamento tão feio
 Vou terminar com a morte,
 Se mesmo fôr pra o inferno
 Será melhor minha sorte.

Ella !... é a nota suave que eu escuto a todo o instante ; aquella collina fronteira que se ergue e agripa magestosa. é Ella que foge para as nuvens, porque é exalação celeste e não pertence a esta área terrestre ; aquelle ciciar da brisa, perfumada entre as folhas dos angaseiros, à margem do rio que alli corre silencioso é Ella, que diz segredos das fadas em uma linguagem desentendida dos mortaes.

A Lua, que lá foge occultando-se entre alfombras de nuvens, e dardejando os argenteos raios no lago movediço que alli contemplo, é Ella ainda, que se despede negaceando das vistas dos humanos.

Visão tão aérea não pôde, ó mortaes, ser attingida por vossos fracos órgãos.

Eu, que semelhante ao antigo philosopho, estou continuamente forçando a razão para descobrir este mysterio, ainda agora é que vou levantando o véo que o esconde.

Ella em tudo !... no rumorejar das arvores, no trinar dos passarinhos, na penumbra do firmamento estellifero, e no mesmo rodar silencioso desses astros que o céu povoão, mas Ella subjectivo, sem a percepção dos sentidos.

Assim é que eu defino as legiões angelicas, essas subtilezas da mente Divina, evaporando-se diante da nossa fraqueza racional que desconcebe o infinito.

Lá habita o Motor Supremo acima daquelles mundos de luz que se agitam no espaço ; mas a sua sede verdadeira — o Poente será ou será o Nascente ?

(Continúa.)

Escapei de ser cosido.

Queridos leitores.—Ha seguramente dez annos que não tenho a honra de brindar-vos com uma de minhas asneiras, materia em que eu levo a presumpção, a ponto de julgar-me sufficientemente habilitado.

E' por isso que pego na canêta (não escrevo com penna sem canêta, porque suja os dedos de tinta), e depois de respeitosa mesura, principio.

E esta ! quem me mandou dizer — principio, se o que vou escrever não tem principio nem fim, pés nem cabeça ? Nesse caso, não principio.

Hontem, pelas cinco horas da tarde, já cansado de trocar as pernas pela rua do Ouvidor, onde todos os dias me encontrarão de *chaspellinho* mais alto que a torre da Candelaria, bengalinha com castão de cobre dourado, o indispensavel *pince-nez* com vidros de vidraça, corrente de latão e seu relógio, e mirando-me de vez em quando com desvanecimento, como namorado de minha propria pessoa, encostei-me a um desses ferros de vidraça que servem de apara-couce, com todo o cuidado para não quebrar o vidro, porque não tinha na algibeira um ceitil para o pagar

se quebrasse ;ahi permaneci longo tempo pensando.... pensando.... em que ? Ah ! pensando no recrutamento, quando vi approximar-se de mim uma encantadora joven mais bella que a rainha Tredogonda. Ia abrindo a boca para dizer-lhe uma de minhas graças sem graça, no momento em que ella, sacudindo da bolsa *uma agulha* (!!!) obrigou-me, de boca aberta, a fugir intrepidamente até a porta de Mr. Cassemajou, que ao ver-me espavorido disse-me : — *Vous avez peur de moi brabo, entrez. Non, mu-si-à*, lhe respondi todo tremulo, é uma *bóia* braba que me quer espetar com sua agulha.

Nada mais pude dizer, cahi redondamente sem sentidos.

Felizmente passava nessa occasião o meu incomparavel amigo Dr. Chico Antonio, que chamou-me á vida horrifando-me o rosto com um pouco de vitriolo.

Apenas recobrei o uso da razão, pedi que me escondessem. Mr. Cassemajou, compadecido, mettu-me dentro de uma caixinha de pó de arroz. Mas julgue o leitor qual seria a sua admiração quando, d'ahi á meia hora, abriu a caixinha e achou-me reduzido a kerosene !

Espantado, julgando com razão ser feitiçaria, arremecou a caixinha na rua que se fez em mil pedaços, sabindo eu, tal qual era antes do desmaio, mas com um medo terrivel das moças por causa das agulhas.

TIO SIMPLICIO.

Um sonho.

Era noite !... Eu velava só envolto n'um turbilhão de mil pensares ! Tudo era incertezas !

Uma chamma ardente escalda-me o peito ! Pensava n'uma mulher a quem amo ! Nessa mulher que fez-me pela primeira vez conhecer o que era amar ! Porém que é rica e occupa uma alta posição na sociedade !....

Como amar a essa mulher ! Não, eu não amo, porque sou um pobre mercenario que só vivo do trabalho !

Porém... não importa ! O verdadeiro homem nunca desanina, trabalha até morrer ! Até morrer elle busca alcançar a posse dessa chimera a que chamamos ouro... ouro.. porque é só com o ouro que se obtem posições !

Além disso, quando não possa amal-a sobre a terra, quando o Creador chamar-me para dar-me o premio ou o castigo merecido, me unirá com essa por quem tanto padeço, porque no céu não ha posições !

Não fação caso, leitores, foi uma ligeira passagem da imaginação com o sopro da brisa, foi um sonho !

P. J. RIBEIRO.

Uma visão.

(DECOMPOSIÇÃO.)

Uma nuvem, gentil, matisada,
Vai à noite girando no céu;
Essa nuvem, d'estrellas bordada,
Sobre a terra lançava seu véo.

Vi um bardo, que triste vagava,
N'uma campá, co' a lyra na mão,
Murmurando, com voz que aterrava,
Esta lugubre e meiga canção :

« Tantas nuvens douradas no céu !
« Tantos raios, de luz scintillante !
« Não divaga entre elles o meo
« Que aqui venho, debalde, constante !
« Nem um só d'esperança eu achei
« Entre os goivos, na campá exilado !
« Só encontro do bem que adorei
« O seu nome na frousa traçado !

« Entretanto aqui venho, chorando,
« Alta noite seu nome invocar !
« E nas cordas da lyra tocando
« Uma nenia lhe venho offertar !

« Chamão isto constante adorar,
« Mas eu chamo constante soffrer !
« Se meu pranto continuo durar
« Eu prefiro mil vezes morrer !

« Tenho a mente por fóra gelada
« E por dentro voleão a escaudar !
« E' roupagem de neve abafada,
« Oceano revoltó a bramar !.

Nessa nuvem gentil, matisada,
Desce um anjo á etéria mansão.
« E' ella ! por Deus foi mandada
« Me valer nesta negra afflicção !

« Lá fugiu essa nuvem, a visão,
« E não vai este meu padecer !
E o bardo, com a lyra na mão,
Proferia:—Mil vezes morrer !

Os seus ecos ao longe vibrarão
Repetindo:—Mil vezes morrer !...
Sua voz e seus labios finarão
Nessa hora de horrível soffrer !...

E o sol da manhã descortina
Esta scena que faz compungir !
Um cadaver co'a lyra na mão
Era o bardo p'ra sempre a dormir !

PEDRO JOSÉ RIBEIRO.

17 de Outubro de 1866.

No album de G. Braga.

SONETO.

Pediste-me um versinho nesta folha,
Como pede um janota roupa nova,
Como chora um macaco por pacova,
Ou ministro finório pela *rolha*.

Lutei, lutei, lutei co' a dura escolha
D'entre muitas da mais sincera prova,
Appliquei no meu *estro* grande sova,
Mas não pude *inflammal-o*, não fiz bolha !

Já vês que o que pediste não é pouco,
E que puzeste sem querer em grande aperto
A quem bem pobre é de idéas e de *côco*.

Quão custoso me sahe este soneto !
Se não dou n'esta *bola* um grande sôco,
Adeus, meu Braga, ficas sem soneto.

BENJAMIM LABOTTIÈRE.

Meu retrato.

OFFERECIDO AOS MEUS AMIGOS,

Sou alto e moreno, um tanto feio,
Magro, porém forte e mocetão;
Sei dar meu cascudo ou pescoção,
As vezes não almoço—janto e ceio.

Commigo muita gente vai no meio:
Uns me dizem ter muita presumpção,
E outros—que sou muito toleirão;
Porém, eu fico com isso muito cheio...

O nariz de batata, mal formado,
Olhos, boca grande—sou bregeiro;
Tambem tenho meu tanto d'engraçado.

Sou de muitas meninas adorado;
Ando quasi sempre sem dinheiro,
Sou viuvo, solteiro e sou casado.

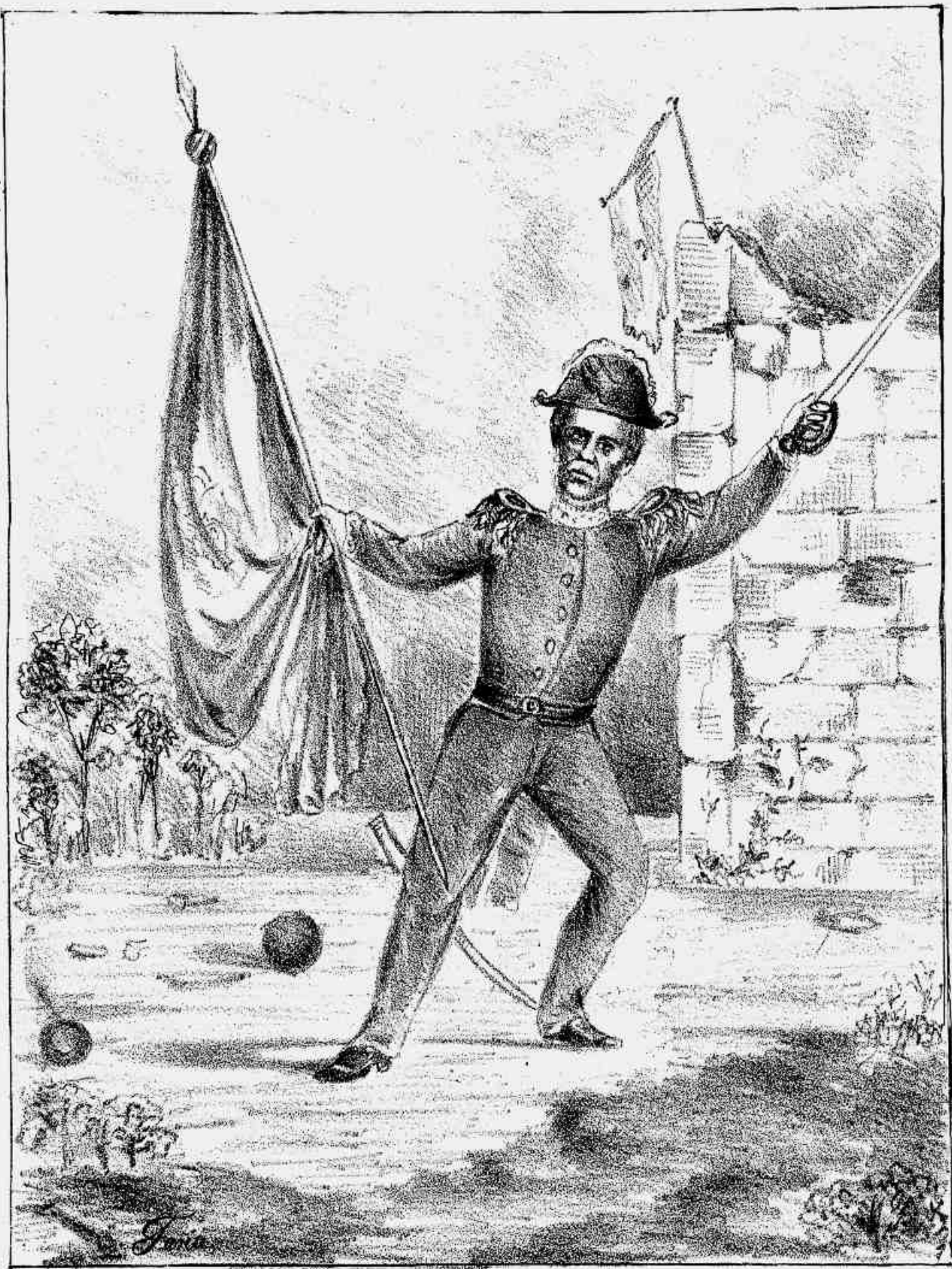
ORIEBIR.

Advinhação.

Nasci hoje e hoje morro,
Amanhã torno a nascer;
P'ra dar vida á minha irmã
Me é preciso morrer.

A primeira charada do n. 27 exprime a palayra—*Paga-*
doria, e a segunda—*Veado*.

Typographia e Lyt.—Economica—Rua de Gonçalves Dias n. 34.



Os nomes de prestigio e sympathia realisão as palavras de Pompeo: — Bato com o pé no solo e delle rebentão legiões invencíveis.

O Sr. Marquez de Caxias é garantia evidente de que hemos vencer nos plainos do Paraguay.